



A Erótica como Religião Terrena do Amor: um Estudo das Afinidades Eletivas entre Max Weber e Ulrich Beck

Caio César Pedron¹

Resumo: Este trabalho pretende apresentar uma comparação entre o pensamento de Ulrich Beck e Max Weber no que tange as suas interpretações sociológicas do amor. Ambos os autores teorizaram sobre a emergência de uma esfera (ou um horizonte de sentido) de valoração da experiência amorosa em si mesma, secularizada e, por isso, afastada dos mecanismos de organização, hierarquização e dominação tradicional das relações sexuais. A hipótese que procurarei defender no percurso da investigação é a de que o trabalho de Beck consolida e amplia a proposta analítica de Weber, apresentando pontos de inflexão no qual podemos aprofundar a compreensão do amor enquanto fenômeno social em sua autonomia na relação com outras esferas da vida.

Palavras-Chave: Salvação intramundana. Erótica. Sociologia do amor.

Erotica as an Earthly Religion of Love: a Study of the Elective Affinities between Max Weber and Ulrich Beck

Abstract: This work intends to show a comparison between the thinking of Ulrich Beck and Max Weber about their sociologies of love. Both of them theorized about the emergency of a sphere (or an horizon of meaning) of valuing the love experience in itself, secularized and, because of that, far way from the organizational and hierarchical mechanism of traditional domination of intimate relationship. The hypothesis I will try to defend in this investigation is the idea that Beck's work consolidate and expand the analytical proposal raised by Weber, showing the inflection points at which we can deepen the understanding of love as a social phenomenon in the autonomy of relation with the others spheres of life.

Keywords: Intramundane salvation. Erotic. Sociology of love.

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas com ênfase em teoria sociológica clássica. E-mail para contato: caiopedron99@gmail.com. Link orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0774-0138>.



1. Introdução

A investigação que projeto para esse artigo está restrita às discussões propostas por Max Weber no subcapítulo “esfera erótica” do seu afamado estudo *Considerações Intermediárias*², por isso não tecerei longas explicações da função teórica deste texto para o conjunto geral de sua sociologia empírico-histórica³. Pretendo centralizar a discussão aqui apresentada na ideia de que a consolidação da erótica como esfera de valor autorreferente e o seu choque com a religião – exposto na concorrência entre a religiosidade de salvação e a sexualidade sublimada em seu caráter extracotidiano e redentor – permanecem sendo diagnósticos válidos para a compreensão das relações amorosas neste século.

Para tanto, faremos uma análise comparativa da erótica weberiana com o diagnóstico proposto por Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2017) no livro “O caos totalmente normal do amor”, mais especificadamente, nos dedicaremos a exegese do capítulo VI onde Beck tece suas considerações finais, seu diagnóstico conclusivo da situação do amor e das relações amorosas no final do século XX. Em “A religião terrena do amor” propõe-se desvendar as consequências do processo de **individualização** – processo no qual se intensifica a contingência e as alternativas possíveis de escolha das biografias individuais em contradição com o ordenamento (no caso do amor) das relações matrimoniais e parentais instituídas pelo modelo da família nuclear – para as formas de organização, hierarquização e significação social das relações amorosas.

Como em Weber, acredita-se na intensificação da importância do amor como resposta aos dilemas de um mundo cada vez mais racionalizado e impessoal no qual as relações de proximidade e pessoalidade – com seu fundo irracional – tornar-se-iam as únicas formas de experimentação de relações não mercantis ou mediadas por qualquer princípio de cálculo; portanto, a *erótica assumiria na modernidade tardia o papel de religião terrena do amor*.

Esse trabalho possui três capítulos, o primeiro é uma espécie de introdução teórica básica, sendo que quero, com ele, apresentar quais os princípios teóricos que guiam cada um dos textos, demonstrando suas especificidades e possibilidades de relação; no segundo quero explorar a construção tipológica e conceitual das genealogias da erótica – de Weber e de

² WEBER, Max. **Ética Econômica das Religiões Mundiais**: Ensaios comparados de sociologia da religião. Vozes, 2016.

³ A “Ética Econômica das Religiões Mundiais” é um compêndio de ensaios nos quais aparece, de maneira mais evidente, a sociologia empírico-histórica de Max Weber. Estes trabalhos são a extensão e consolidação do problema de pesquisa levantado na “Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, que consiste na investigação das peculiaridades que permitiram que se desenvolvesse – somente na Europa – o capitalismo “ocidental”. Em minha dissertação pude explorar a esfera erótica em sua singularidade e, também, na relação de sua teoria para com os estudos empíricos da “Ética Econômica das Religiões Mundiais”, ver: PEDRON, C.C. A Gênese Social da Esfera Erótica: um estudo compreensivo sobre o contexto de emergência da erótica weberiana. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.



Beck – e das problematizações básicas que orientam a ideia de transformação presente nos constructos históricos dos dois autores. No terceiro capítulo pretendo apresentar a consequência da problematização de cada uma das teorias, os resultados da construção teórica de cada um dos autores e os paradoxos que apresentam como fruto do desenvolvimento de uma relação amorosa valorativamente significativa. Por fim, nas conclusões, procurarei explorar os pontos positivos e limites da comparação entre os dois autores, com isso pretendo delimitar as possibilidades e os dilemas da organização dos estudos do amor na sociologia contemporânea.

2. Interlúdio teórico

Antes de nos dedicarmos exclusivamente à esfera erótica e à religião terrena do amor, faz-se necessário compreender um pouco qual é o sistema teórico no qual ambas as conceituações estão inseridas. A “*Consideração Intermediária*” propõe-se apresentar a rejeição religiosa das ordens do mundo e suas direções, rejeição essa que é hiperbólica porque construída – enquanto tipo ideal – para salientar o conflito entre as esferas de valor e a religião, isso limita as possibilidades de compreensão das relações não conflituosas entre a religião e as esferas, como também, o choque das esferas entre si. O objetivo central da discussão é destacar quais são os pontos de maior tensão entre a ética da fraternidade – espécie de tipo ideal que conjugaria as religiões de salvação, em especial as religiões ocidentais – e as **ordens da vida**.

Das sete **ordens da vida** que orbitam o universo social, apenas três possuem características que impedem a sua total racionalização, são elas: erótica, estética e a religião. A intensificação do conflito seria mais aparente entre essas três esferas, pois elas disputariam o mesmo conteúdo subjetivo: *valorar a experiência humana através de atributos pessoais e irracionais*; isto é, produzir um escape as frias mãos esqueléticas da razão instrumental presente nas esferas de valor “racionais”, como a política, a economia ou a esfera intelectual. É o fenômeno da **secularização**⁴ que defenestrou a religião do seu papel de cimentadora dos laços sociais, retirou o seu primado da significação do universo e lhe colocou em pé de igualdade para que tivesse de competir com os outros subsistemas sociais.

⁴Sei que a atribuição do termo secularização a esse aspecto da teoria de Max Weber é contraditória. Contudo, usando-me do próprio Antônio Flávio Pierucci, que fez a crítica e também usou do termo para fins explicativos, teimo em afirmar que o processo de **secularização** está circunscrito a emancipação das esferas de valor e a defenestração – conduzida pela ciência – da religião de sua antiga centralidade na organização e simbolização da vida; em seguida vem o **desencantamento do mundo**, processo de amplitude maior que parte do profetismo judeu para alcançar o asceta protestante e compreende a secularização, o seu lado b. Por fim, a **racionalização do mundo** é o macroprocesso que abarca ambos os movimento anteriores e se concretiza na história da humanidade, desde a concepção da magia – como forma de explicação e tentativa de domínio da natureza e da cultura – até as mais sofisticadas descobertas laboratoriais do século XX. Ver: PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. 2. ed. São Paulo, SP: USP: Editora 34, 2007.



A teoria da **racionalização do mundo**, em especial o seu processo menor (a **secularização**), é o pano de fundo no qual se desenrola a narrativa weberiana, tanto no seu aspecto teórico abstrato quanto no desenvolvimento da sociologia empírico-histórica. No caso de Ulrich Beck, a teoria da **individualização** não tem a pretensão de explicar um processo tão gigantesco com a racionalização weberiana, mas pretende compreender o desenvolvimento e a consolidação do amor como principal recurso de significação simbólica e pessoal da existência humana.

Em sua proposição do **amor como religião terrena** – resultado e oposição da individualidade típica do período moderno – também se propõe uma genealogia do amor romântico como o conhecemos; faz-se isso para escapar dos pensamentos que tentam a-historicizar o amor, como se fosse resultado igual de todas as épocas, e apregoam isso citando Shakespeare, Platão e até Aretino. O drama do amor, diz Beck, pode até ser parecido nas diferentes épocas, mas a forma como ele é experimentado e a centralidade que ganha no período industrial tardio é completamente distinta daquela que foi vivenciada pelos gregos.

Inquirimos, antes, a respeito do amor com um mundo simbólico cultural em relação a outros mundos simbólicos, como privação material, religião, carreira, riscos tecnológicos, consciência ambiental. De modo semelhante às sociedades guerreiras medievais ou à sociedade de classes industrial, a sexualidade e o amor também desempenhavam um papel, mas não o central na experiência das pessoas; em nossa avaliação, está ocorrendo o inverso atualmente (e ocorrerá ainda mais no futuro): experiências de classe ou de poder explícitos passam, com o aumento do bem estar social, para segundo plano, e o centro da percepção e preocupação culturais é ocupado pelo frenético embate amoroso na esteira da desintegração do sistema de papéis da esfera privada (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017, p.204).

Mais radical que a tese da esfera erótica weberiana, já que para esta a erótica seria apenas uma dentre sete esferas que podem conduzir – com os seus valores – os fios de nossas existências, em Beck defende-se a tese de que o amor adquire, no final do século XX, o papel de principal arena de conflitos e disputas nos quais homens e mulheres digladiam-se, desejam-se, amam-se e divorciam-se. Isso é importante porque sintetiza a tese do autor e, ao mesmo tempo, refuta a a-historicidade do amor, pois há uma intensificação de sua importância para os modernos, estes concebem o amor como um horizonte de significação simbólica que valoriza a experiência humana.

O conceito central proposto pelo autor é o de **individualização**, cujo conflito se sustenta na relação entre família, liberdade e igualdade, pois as certezas tradicionais instituídas na forma de organização da família nuclear – trabalho doméstico e assalariado como fator de distinção e hierarquização entre os sexos, instituição de papéis fixos de comportamento na relação amorosa, maternidade – não se sustentam mais diante de um mundo onde



as categorias de trabalho, família, relação amorosa são diferentes. Em outras palavras:

A biografia das pessoas se desvincula dos modelos e certezas tradicionais, de controles alheios e das leis morais suprarregionais e é posta na ação de cada indivíduo, de modo aberto, dependente de decisões e como uma tarefa. Diminuem as cotas de possibilidades de vida que, por princípio, não são passíveis de decisão, enquanto aumentam as cotas da biografia, que está aberta à decisão e construção próprias. A biografia normal transmuta-se em biografia de escolha - como todas as obrigações e “congelamentos de liberdade (WYSOCKI,1980)” que resultam dessa troca (BECK; BECK-GERNSEIM, 2017, p.17).

O choque entre a “esfera doméstica” e suas determinações amparadas nos valores da família nuclear e as necessidades de cada biografia individual – de decidir os arranjos familiares que melhor se adequam a cada biografia – produz incerteza e angústia diante do conflito. Uma leitura weberiana desse processo de individualização salientaria que o indivíduo, em sua subjetividade, sentir-se-ia fragmentado diante dos diferentes valores que disputam de maneira conflituosa o direito por conferirem sentido e orientarem as ações humanas.

3. A esfera erótica ou o amor como religião intramoderna

A esfera erótica weberiana é construída – enquanto tipo ideal – em dois “momentos”, sendo que no primeiro, Weber estabelece uma espécie de genealogia da erótica através da qual narra o processo de intensificação das relações eróticas sublimadas na história, com forte ênfase na direção tomada por essa “evolução”⁵. Em um segundo momento, é a vez de narrar as problemáticas que essa erótica produz do ponto de vista do choque desta para com a religião e, também, das contradições que o próprio desenvolvimento dela produz. Como resultado, Weber problematiza tanto a possibilidade da **salvação intramundana** do ponto de vista subjetivo quanto o de sua apropriação por um movimento coletivo; e termina propondo uma solução tampão: o casamento por amor. Partimos do primeiro movimento na narrativa weberiana para apresentar um quadro de desenvolvimento da genealogia⁶ da

⁵ O termo escolhido por Weber para sua sociologia comparativa foi *Entwicklung*, algo como desenvolvimento, e foi escolhido o termo “desenvolvimental” nas traduções; embora tenha uma sonoridade esquisita na nossa língua. Seria impossível produzir sociologia histórica e comparativa sem que termos como evolução, desenvolvimento ou transformação fossem tomados como categorias centrais. A respeito da discussão dessa ideia em Weber ver: SCHLUCHTER, Wolfgang. ¿Ley Histórica o tendencia de desarrollo? Sobre la limitada capacidad de pronóstico de lascienciassociales. In: SCHLUCHTER, Wolfgang. **Acción, orden y cultura: estudios para um programa de investigación en conexión con Max Weber**. Buenos Aires: Prometeolibros, 2008.

⁶ A periodização seguida aqui tem função didática e instrumental, pois Weber não tratou de especificar e periodizar em séculos o processo genealógico e o que queremos é, tão somente, materializar exemplarmente as definições. Sabemos que esse modo de nomeação temporal é uma



erótica:

1) **Grécia pré-clássica (XII a IX A.C.):** neste período se destaca o romantismo de cavalaria. A mulher era tratada como bem material, fundamento mesmo da organização social e do direito, pois o direito de transmissão da propriedade estava intimamente relacionado a prole. O rapto de mulheres é a atividade de intensificação erótica do período, contudo, a brutalidade deste ato impede qualquer tipo de intelectualização do amor. A direção da intensificação, por sua vez, é heterossexual.

2) **Grécia Clássica (V a IV A.C.):** no período do helenismo destacam-se as relações de proximidade entre os homens, a masculinização das relações eróticas se acentua a ponto de o objeto de desejo ser transferido para o *camarada* – jovem da comunidade que compartilha de experiências sexuais até a maturidade com um dos cidadãos. A pederastia substitui o rapto de mulheres e passa a ser o destino mesmo da intensificação sexual, esta que é homoerótica no período.

3) **Idade Média (V a XV D.C.):** neste período o trovadorismo exemplifica um resultado distinto do greco-romano. É que a relação entre a Dama – mulher do outro – e do vassalo ganha contornos eróticos bem definidos, uma competição sexual entre os homens produz, pela primeira vez, a valorização do desejo erótico feminino e a popularização da trova e da literatura de correspondência como intensificações intelectuais do desejo erótico. O **juízo do olhar** é a atividade “transformadora” do período e, pela primeira vez, é conduzido pela mulher que passa de agente passivo – e objeto de valor – para participante ativo da relação erótica.

4) **Renascença (XV a XVI D.C.):** esse período é como que um retorno à brutalidade do helenismo, parece ser mais um desvio da intensificação da intelectualização sexual do que propriamente um avanço. Entretanto, se pensarmos que é na Renascença que são cultivadas algumas das obras artísticas mais eróticas como a de Pietro Aretino (1492-1556) e que a intensificação homossexual também pode conter elementos de sofisticação e intensificação do gozo – para além de Weber e, talvez, contra ele –, talvez possamos entender esse desvio não como involução, mas como um outro caminho possível de desenvolvimento erótico.

5) **Ancient Regime (XVI a XVIII D.C.):** nesse período a cultura de salões substitui a masculinidade anterior, a dama retorna para conectar a **intelectualização do sexo** e a **extracotidianeidade** da experiência erótica. A **conversa intersexual** permite que a masculinidade do cavalheiro seja direcionada para a atividade de galantear, de seduzir a dama, dado que não é mais somente a relação do olhar que está em jogo na arte da conquista. É interessante ressaltar que nesse período a **racionalização** do sexo e sua

construção social e que, muitas vezes, periodizações diferentes compreendem períodos anteriores ou posteriores a depender da leitura teórica e analítica que as enforma; por exemplo, para alguns autores a Renascença começa no século XIV e, para outros, o Antigo Regime pode ser colocado na mesma data tendo temporalidade muito maior que a circunscrita no nosso modelo.



intensificação irracional não são tidas como opostas ou contraditórias, são resultados distintos e complementares da relação erótica no período.

6) **Era Vitoriana (XVIII a XIX D.C.):** na Alemanha é conhecida como período wilhemiano. É marcada por uma intensificação do controle da sexualidade como nunca antes vista. A luta entre sexualidade e religião agora se acomoda em uma lógica de competição entre os valores, sendo que, enquanto o puritanismo pretende racionalizar o ato sexual no sentido de neutralizar as emoções “impuras” e naturaliza-lo de maneira que seja apenas reprodutor; o erotismo pretende cristalizar as formas sublimadas de sexo e fortalecer o caráter **extracotidiano** e irracional da sexualidade, através dos relacionamentos extraconjugais.

São duas as forças de intensificação da erótica que surgem nesse desenvolvimento genealógico: a **extracotidianeidade do erotismo** experimentado como fuga da vida rotineira e da racionalidade das formas de organização social e a **intelectualização do sexo**, racionalização formal dos conteúdos atinentes ao desejo erótico que aprimora as formas de conquistas, as técnicas de experimentação e o gozo sofisticado da sexualidade.

Sob o prisma conceitual do processo de **individualização**, proposto no capítulo anterior, é que se constitui a genealogia do amor em Beck, ela é menor – em seu desenvolvimento temporal – que a da erótica e acaba por se concentrar na passagem da sociedade feudal para a burguesa, salientando, em sua especificidade, as diferenças entre o período heroico do protestantismo e o moderno capitalismo industrial do século XX. Um quadro geral pode projetar de maneira mais clara essa proposta analítica:

QUADRO 1 -Três formas de relação entre o amor e a natureza

Forma da relação amor/natureza	Tipo de relação conjugal	Intensificação erótica
1) Antiguidade e Idade Média	Matrimônio religioso com função social de manutenção da hereditariedade. A nobreza permitia-se cultivar a erótica contanto que fora do casamento.	O amor e as paixões são um pecado contra o casamento
2) Vitorianismo e Wilhemianismo (XIX)	Imposição da moral puritana estendida democraticamente a todos os casais, inclusive a nobreza.	Repressão dos desejos e banimento do erotismo para a categoria de “comportamento sexual desviante” medicalizada.
3) Sociedade Industrial do século XX	Experimentação de relações amorosas as mais diversas, com forte ênfase para o fortalecimento dos casos extraconjugais e das formas heterodoxas de relacionamento sexual.	Amor como encontro com o eu, criação enfática do mundo a partir da relação eu-tu. Romantismo banalizado e massificado como religião terrena do amor.

Fonte: Elaborado pelo autor.



As três fases de Ulrich Beck concentram as “seis” dispensações⁷ de Max Weber exatamente no período de transformação das relações amorosas. A comparação evidencia que o conflito que Weber apresentava como sendo o “último” era, na verdade, uma fase passageira que foi “superada” pela individualização progressiva dos relacionamentos amorosos, presos só a legalidade interna das biografias individuais a que, respectivamente, diziam respeito.

O intercuro sexual não está mais amarrado a estabilidade das relações matrimoniais, o direito moderno – e a tecnologia do DNA – destituiu o matrimônio de sua função de determinar os herdeiros legítimos de um espólio. Beck destaca aquilo que já havia sido levantado por Weber: *há uma relação de afinidade eletiva entre a ruptura do feudalismo pelo empreendedor burguês e o ímpeto do adúltero* (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017, p.210). O pessimismo weberiano diante de uma sensualização egoísta e antivalorativa da erótica não se concretizou, ou, pelo menos, a romantização do amor nos relacionamentos conjugais permitiu – em tese – uma intensificação ainda maior dos relacionamentos amorosos.

A intensificação da **extracotidianeidade** erótica parece ser o resultado das repressões insuportáveis do puritanismo e do processo de racionalização ocidental que tornou o mundo cotidiano e mesmo banalizado. A própria subjetividade burguesa produziu o romantismo como antídoto ao moralismo higienista do puritano, e foi esse romantismo o precursor legítimo da **religião terrena do amor** como a vivemos hoje. No próximo capítulo trataremos de apresentar as contradições do amor na esfera erótica weberiana e no amor como religião de Beck. Pretende-se apresentar o diagnóstico de ambos sobre as condições das relações amorosas modernas como, também, os limites das propriedades redentoras do erotismo.

4. Os alcances e os limites da salvação intramundana

No passado o amor rebentou laços comunitários e normas. Com a dissolução das normas e barreiras feudais e familiares, ele cada vez mais se debate contra o vazio. Ele não é mais o princípio garantidor de liberdade e individualidade em oposição as constrições sociais, não encontra mais resistência, nem é mais amoral em seu cerne. Isso significa que ele se volta sobre si mesmo, devora-se, tornando-se, por assim dizer, “autoreflexivo” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017, p.213).

O que Ulrich Beck denota nessa passagem é uma transformação

⁷ Faço aqui uma comparação entre as dispensações bíblicas propostas pelo fundamentalismo protestante e as distinções temporais como concebidas por Weber. Alguns movimentos hermenêuticos do fundamentalismo diziam que havia sete dispensações que marcavam “épocas” da relação do homem com Deus, e outras, fiéis a Joaquim de Flora, defendiam a separação em três idades. A analogia nos permite imaginar as relações entre esse modo de separar a história em fases e suas relações com o pensamento religioso.



determinante do amor que ocorreu durante sua última fase. No final do século XX o amor não é mais amoral, pois a própria moralidade vem se transformando e se adequando a **individualização** brutal que faz de cada um o seu próprio inquisidor. Depois de se emancipar de todos os controles institucionais da esfera doméstica e de todos os esteios morais da religião, cabe ao amor dobrar-se sobre si mesmo, num movimento autofágico que empreende a ressignificação contínua dos valores e das relações amorosas, sendo que ele intensifica a contingencialidade de suas formas tornando-se ainda mais singular a cada caso representado.

Todavia existe certa regularidade nas lógicas sob as quais as diferentes relações amorosas se reproduzem, “tal como acontece com o capital e o poder, no caso do amor também se trata de *um espectro predeterminado de comportamentos e crises*” (BECK; BECK-GERNSHEIM, p.215) um conjunto de disposições e lógica de relações próprias a sua “referencialidade interna”. O autor propõe um conjunto de legalidades intrínsecas do amor, formas de expressão esquemática de sua lógica e de seus conflitos. Vale a pena salientar algumas que dialogam explicitamente com a esfera erótica weberiana:

A) Amor como resgate frente a transformação dirigida pelo processo de individualização social, combate a solidão que procura instituir uma utopia, idealismo da relação a dois que funciona como contraideologia da individualização (BECK; BECK-GERNSHEIM, p.215). O casamento por amor é o resultado dialético da própria individualização.

B) Amor como “modelo de *responsabilidade*, não de anonimato e mecanicismo” (BECK; BECK-GERNSHEIM, p. 215). Propõe-se a relação amorosa como um modelo de agente em referência a um mundo de mecanismo e sistemas. Os indivíduos prestam contas de suas ações, escolhem as melhores ou as mais doloridas decisões, enfrentam situações de estresse emocional ou de luta aberta por amor a alguém ou porque já não amam mais (em divórcios e separações litigiosas). Ainda não é possível escapar da interação humana e de suas contingências quando falamos de relações amorosas.

C) A justificação do amor nunca se sustenta em bases tradicionais ou formais, ela é sempre emocional e individual. Pessoalizada e, por isso, refém de impulsos de afeto – quer sejam eles de amor ou ódio –, mesmo quando racionalizadas em formas de conduta ou experiências sofisticadas.

D) “O amor é padrão oposto à racionalidade de fins. O amor não é um fim objetivável, não pode ser obtido, nem tecnicamente assegurado ou aperfeiçoado” (BECK; BECK-GERNSHEIM, p.217). O amor é refém de um modo de vida impossível de racionalização, seu fim é irracional e, por isso, não é adequado a uma racionalização plena. Deixar que um algoritmo decida – melhor que você – quem é seu parceiro ideal, permanece sendo um pesadelo próprio das distopias de uma série de ficção científica⁸.

⁸ A esse propósito, o capítulo “Hang the Dj” da série blackmirror é bastante intuitivo. Nele assistimos a diferentes encontros amorosos pelo qual dois jovens passam para se reencontrarem. O match do



Se compararmos esses “valores” aos que foram propalados por Weber na esfera erótica encontramos uma rica coincidência. A intensificação do processo de **racionalização do mundo** e, mais especificadamente, da **secularização**, garantiu que as relações sociais comunitárias e a sexualidade natural do camponês fossem substituídas pelo cálculo e pelas relações mediadas por contratos derivados do direito formal (impessoais). A fuga desse mundo racionalizado se daria através de uma reconexão com “o único elo inextirpável com a animalidade” (WEBER, 2016, p.391), **salvação intramundana** através da experimentação sexual, mas as regras do matrimônio e o controle do direito e da religiosidade – nos tempos de Weber – indicavam que o relacionamento **extraconjugal** seria a única forma de garantir a liberdade das relações sexuais.

Nas tipologias da ação weberiana poderíamos enquadrar o amor como ação afetiva, em contraste com a tradição da esfera doméstica ou religiosa e, também, com a racionalidade fins das esferas econômica e política. Um interessante *insight* foi proposto por Jessé Souza (1997), para ele a erótica está a meio passo entre a racionalidade-valor e a ação afetiva, seria uma espécie de reconexão entre razão e emoção que proporcionaria, por isso, uma experiência de redenção. Isso faz ainda mais sentido quando adotamos a tese de que a esfera erótica comunga de uma sexualidade sublimada, como **intelectualização do sexo**, e de uma experiência sexual de **extracotidianeidade**, que é irracional na sua forma e que, por isso, permite a sensação de salvação⁹.

Por fim, a erótica é sempre uma relação entre agentes individuais que, quando juntos, formam um nós, e é exatamente nessa relação que se sustenta a ideia de comunhão experimentada, pois:

Do ponto de vista do erotismo esse sentido, justamente com o conteúdo de valor da relação repousa na possibilidade de uma comunidade que é sentida como um pleno tornar-se um [*volle Einswerdung*], uma vertigem no “tu”, uma comunidade tão intensa, que só se explica “simbolicamente”: como sacramento (WEBER, 2016, p.391).

A própria sensação de comunhão com o objeto de amor é resultado da relação de **individualização** que provocou essa “saudades” da unidade perdida, combate a solidão da individualidade que proporciona um terreno fértil a utopia do amor romântico. É, também, resultado do processo de **racionalização**, pois foi este que distanciou o homem moderno da sexualidade primária do

aplicativo é, no entanto, anterior ao encontro real do casal, assistimos durante todo o capítulo ao exercício matemático dos algoritmos calculando qual seria a melhor escolha entre pares diante de um modelo probabilístico. Ainda que seja cedo para tanto, aplicativos de encontros casuais e relacionamentos já existem e estão por aí racionalizando as relações sexuais. Ver: HANG the DJ (Temporada 4, ep.4). Black Mirror [Seriado]. Direção: Tim Van Patten. Produção: Charlie Brooker, Barney Reisz, Annabel Jones. UK: Endemol. 2017.

⁹ Poderíamos pensar na ideia de que a intelectualização do sexo seria uma espécie de racionalização dos meios eróticos e não, necessariamente, dos fins. Deste modo seria possível conjugar **intelectualização** do sexo e **extracotidianeidade**, sem qualquer conflito. Para Beck vemos que o potencial erótico está preservado, outros, como Marcuse, acreditam que essa potência se perdeu na racionalização capitalista ou em uma perversão fetichizada.



camponês, fragmentou a experiência do indivíduo em diferentes subsistemas sociais autoreferenciados que não lhe permitem mais experimentar a vida como um cosmos de sentido unívoco. *A irracionalidade do sexo é um protesto contra a racionalização da vida, e o seu caráter consubstancial, uma provocação à radical subjetividade individualista.*

A legalidade intrínseca expressa em B) me parece ser a mais potente, porque permite pensarmos uma relação amorosa como relação humana não passível de racionalização meio-fins. A importância crescente do amor durante o século XX é resultado deste caráter singular e intrínseco da própria esfera erótica, ela produz relações consensuais e um padrão de sentido social ligado a autonomização das subjetividades, deste modo, produz *um horizonte comum compartilhado de ressignificação simbólica da própria existência*, nas palavras de Weber:

O amante se sabe implantado no cerne do verdadeiramente vivo, daquilo que é para sempre inacessível a todo esforço da razão; ele se sabe completamente solto das frias mãos esqueléticas das ordens racionais, bem como da mesmice do cotidiano. Ao amante, que sabe estar ligado ao “que existe de mais vivo”, as experiências do místico lhe parecem sem objeto, pálido reino situado atrás do mundo [hinterweltlich] (WEBER, 2016, p.392).

O misticismo é, para o amante, algo sem sentido e pouco material. Nisso a reflexão das “Considerações intermediárias” se conecta com as categorias apresentadas na “Einleitung”, esta que apresenta os principais conceitos utilizados pelo autor em seus estudos histórico empíricos. O par **misticismo** e **ascetismo** é fundamental, pois nos apresenta os dois tipos de expressão da religiosidade, o contraste da erótica com o misticismo está nesse caráter **extra-cotidiano** que compete com a irracionalidade da experiência mística, esta que pretende implodir toda individuação (WEBER, 2016, p.392). Pelo lado do ascetismo, além de incomodar esse aspecto irracional e animalesco da cópula carnal, o erotismo também compete na sua sanha pela **intelectualização** e sublimação do sexo: na capacidade de sofisticação da sexualidade encarada como perversão. Se a erótica se reconecta com a natureza humana, no seu caráter animalesco e irracional, em contrapartida:

A ascese racional intramundana (a ascese da profissão) só pode aceitar o casamento racionalmente regulamentado como uma ordem de vida divinamente disposta para a criatura irremediavelmente corrompida pela “concupiscência”, e é dentro dessa ordem que toca viver de acordo com os fins racionais dela: a procriação e a educação dos filhos, além da mútua emulação no estado de graça, e somente nele. Uma ética como essa tem que rejeitar qualquer refinamento que leve ao erotismo como divinização da criatura, idolatria da pior espécie. De sua parte, ela inscreve numa ordem racional da criação justamente a sexualidade natural primordial própria do camponês, em sua forma rústica e não sublimada (WEBER, 2016, p.394).



O choque entre o asceta vocacional e o sensualista erótico daria a tônica do mundo moderno e a luta do instinto sexual contra a moralidade religiosa seria a sua expressão psicológico-subjetiva. O principal receio de Max Weber, *da impossibilidade de relações autenticamente eróticas e éticas*, se desfez na permanência do mito do amor romântico e na férrea crença moderna na procura da felicidade como “felicidade amorosa”. O caráter pessoal do sexo – em sua potência como relação bidirecional/consustancial (eu+tu = nós) – não foi substituído por qualquer hedonismo crasso. Foi, isso sim, exagerado, banalizado e massificado no “todo social” e, mesmo assim, permaneceu oferecendo suas limitadas e efêmeras, porém factíveis, possibilidades de reencantamento da existência.

Os problemas do amor em tempos caóticos são outros e, ao mesmo tempo, os mesmos. Beck os expressa através de um conjunto de paradoxos, são eles: **liberdade, autenticidade¹⁰ e ação**. Paradoxal que a busca pela liberdade produzida pelo encontro amoroso tenha como resultado a procura da “subjugação voluntária da liberdade alheia” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017, p.220), entrega incondicional que parece ser procurada por cada uma das partes que se amam. Paradoxal, também, que Max Weber (2016, p.392-393) já tenha diagnosticado, muitos anos antes, o mesmo resultado: “violação da alma do parceiro menos brutal como um refinado – pois, aí se trata da mais humana das entregas de si – um dissimulado gozo sofisticado de si no outro”.

Mas como atingimos, preservamos e sobrevivemos ao amor se não pelo receituário da racionalidade meio-fim que está a nossa disposição? O que acontece quando todos perseguem um alvo que não é acessível, ou pelo menos não do modo como estamos fazendo? E se descobrimos que rechaçar esse alvo é o caminho mais curto para ele? Ou se o alvo, depois de alcançado, se reverte no oposto do que é esperado? (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017, p.222).

O segundo paradoxo, citado acima, é diagnose da incerteza que paira sobre relação erótica. As regras do jogo não são estipuladas de maneira racional, não respondem a um cálculo previsível e formal. São antes arbitrárias e podem muito bem produzir como resultado de toda a espera e de todo esforço amoroso – como que por um **paradoxo das consequências¹¹** – o oposto do que era pretendido. “Quem sabe o príncipe virou um sapo” ou a idealização de um jardim encantando se tornar a representação do inferno na terra. Não

¹⁰ Não apresentarei aqui o paradoxo da autenticidade, Beck para apresentá-lo usa-se de um texto de Niklas Luhmann sobre o amor. A ideia geral é a de que o amor cobra a autenticidade que, contudo, se narrada de maneira racional, perde o seu caráter autêntico, pois vira discurso passível de manipulação e interpretação. Autenticidade que procura ser sólida em relações transitórias e marca, definitivamente, as relações amorosas com seu selo de originalidade ou unicidade.

¹¹Paradoxo das Consequências é um conceito de Weber usado para diagnosticar a ambiguidade da solução do protestante asceta, queria alcançar o reino dos céus e, por isso, trabalhou. Como resultado, contudo, produziu o a relação entre ideias que guiariam como manobras as ações dos homens em direção ao capitalismo. O clássico de Gabriel Cohn explica, muito melhor que eu, essa conceituação weberiana, ver: COHN, Gabriel. **Crítica e Resignação**: fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo: T.A Queiroz, 1979.



existem regras de comportamento ou modelo de ação que possam ser usados de maneira geral para conquistar ou manter uma relação amorosa.

É para não cair na irracionalidade plena que Weber propõe sua solução tampão, o matrimônio eticamente regulamentado que comungasse razão valorativa e ação afetiva. Para o autor – diferentemente de Beck – o problema central era o sexo se tornar uma relação na qual o outro era um meio e não um fim em si mesmo¹². Engraçado que a solução de Weber – por mais inocente e romântica que pareça – continua sendo, hoje, a meta de toda a idealização do amor: *a ideologia contra-individualista do romantismo é expressa, de maneira literal, na ideia do casamento ou da união por amor.*

Cabe, então, terminarmos o nosso capítulo com uma expressão acabada desta crença coletiva:

De um ponto de vista puramente intramundano, somente a junção do matrimônio com a ideia de responsabilidade ética recíproca – uma categoria da relação que é heterogênea a esfera puramente erótica – poderia contribuir com o sentimento de que pode haver algo de singular e sublime nas modulações por que passa o sentimento amoroso consciente de sua responsabilidade no percurso orgânico da vida em toda as suas nuances: “até o pianíssimo da idade avançada”, com o crédito mútuo e débito mútuo (no sentido de Goethe). Raras vezes a vida o concede puro: aquele a quem for concedido, que fale de fortuna e graça do destino – mas não: de “mérito” próprio (WEBER, 2016, p.395).

5. Conclusão

Este trabalho não teve a pretensão de esgotar as possíveis relações de atribuição causais, tipológicas ou só levemente comparativas em relação ao trabalho de Ulrich Beck e a esfera erótica de Weber. É de se destacar a regularidade temática entre ambas as obras, chega a gritar aos olhos¹³ a proximidade nas análises como resultados de contexto completamente diferentes e, também, de conceitos – **individualização** e **racionalização** – bastante específicos a cada teoria. Uma pequena degustação dessa relação pode ser vista em Beck¹⁴.

¹²No texto sobre a “Neutralidade Axiológica” Weber usa como um dos seus exemplos a relação amorosa sob esse véu de tensão kantiano entre tratar o outro como meio ou fim. A ideia de reponsabilidade ética como proposta por Marianne Weber e pelo próprio Max parece ser produto deste dilema ético.

¹³ Estranho que Beck não cite as “Considerações Intermediárias” de Weber e, quando vai citá-lo no que tange ao amor, cita partes da Ética Protestante. Não sabemos se o autor escolheu não citar Weber e as problemáticas que muito bem se “casariam” as suas ou se não conhecia esse pequeno texto.

¹⁴Uma época que, no ápice de sua racionalidade voltada para a tecnologia, se apaixonou pelo amor, por assim dizer, entregar-se àquele que talvez seja o último alvo (de felicidade) não racionalizável, que se esquia das garras da modernidade e extrai precisamente disto sua sedução, seus emuladores e seus asseclas. Tal como a angústia, que, de resto, é apenas o reverso da individualista “religião do amor” na sociedade de risco, o amor não é justificável, irrefutável, em última análise, nem discursivamente verificável e apesar, ou talvez por causa, da inflacionária tagarelíce sobre os relacionamentos, não é intersubjetivamente divisível e comunicável (BECK;BECK-GERNSHEIM, 2017, p. 222).



Aqui encontramos vários temas que já estavam presentes na esfera erótica: compreender o amor como última via de escape a racionalização da modernidade, também a indiscutível autorreferencialidade, do legítimo por si mesmo e, por isso, injustificável sob qualquer critério racional (meio-fins). A incomunicabilidade da experiência do amor e a impossibilidade de extensão intersubjetiva ou, até mesmo, comunitária, dialogam com Weber (2016, p.393).

Há, também, algumas diferenças que parecem inacessíveis à primeira vista, como a temporalidade dos escritos que precisa ser ressaltada. Mais de setenta anos separam os dois textos e, o que parecia à Weber uma tensão insolúvel, se mostra ao longo da história como um pequeno problema, facilmente contornado pelo amor e seus asseclas. Mas, o que poderia ser a fraqueza da comparação, parece-me ser o ponto mais interessante, pois após setenta anos o texto parece dialogar de maneira magistral com o de Beck, inclusive, os dois se conectam na problemática central que procuram responder: a do caráter redentor e significativo da experiência sexual. Os dois conceitos guia, **individualização** e **racionalização**, também podem servir a sustentação de uma tese compartilhada, pois o processo de racionalização produziu a separação do homem de seu ciclo de vida natural, fragmentado entre diferentes “valores” com os quais o indivíduo deve “jogar”.

O único limite que me parece inacessível à correlação Weber-Beck é a ideia de massificação e banalização do amor romântico, esta é a verdadeira causa de preocupação do segundo, pois limitaria e “impessoalizaria” as relações amorosas. “Não jogue o amor ao léu”, diria um hit sertanejo que, talvez, Max Weber na década de vinte não entenderia diante do erotismo que ainda era tratado como algo que concernia à elite esclarecida burguesa e aristocrática.

Falo, portanto, de uma afinidade profunda entre as duas concepções teóricas do amor, pois parece que os elementos abstratos que conformaram cada tese se encaixam perfeitamente um no outro, combinam-se para produzir um diagnóstico ampliado das condições do amor na extensão do século XX. Afinidade que se expressa na possibilidade de confirmar algumas “predições” do velho “herói dos bosques teutônicos”¹⁵ através do teórico da sociedade do risco, como também, a consolidação de uma sociologia do amor que tem por interesse o caráter simbólico/significativo da experiência sexual. Sociologia que tenta entender a “função” do sexo na sociedade contemporânea sem renunciar à interpretação histórica e microsociológica da ação dos indivíduos sob parâmetros não estereotipáveis em relações meio-fins.

¹⁵ Descrição bastante romântica de Marianne Weber (2003, p.249) do seu marido ao relatar sua vitória frente a um aluno em uma disputa de cerveja (*Bierjunge*). As metáforas presentes nas cartas trocadas entre ambos no período têm esse conteúdo filosófico/espiritual, a invenção do amor romântico havia contaminado a geração mais jovem do período wilheminiano. Ver: WEBER, Marianne. *Weber*: uma biografia. Casa Jorge: RJ, 2003.



Referências bibliográficas

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM. **O caos totalmente normal do amor**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BLACK MIRROR. Hang the DJ (Temporada 4, ep.4). Duração: 51 minutos. Direção: Tim Van Patten. Produção: Charlie Brooker, Barney Reisz, Annabel Jones. UK: Endemol. 2017. Disponível em: NETFLIX. Acesso em: 20 abr. 2021.

COHN, Gabriel. **Crítica e Resignação**: fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo: T.A Queiroz, 1979.

PEDRON, C.C. **A Gênese Social da Esfera Erótica**: um estudo compreensivo sobre o contexto de emergência da erótica weberiana. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. 2ª ed. São Paulo, SP: USP: Editora 34, 2007.

SCHLUCHTER, Wolfgang. ¿Ley Histórica o tendencia de desarrollo? Sobre la limitada capacidad de pronóstico de lascienciassociales. In: SCHLUCHTER, Wolfgang. **Acción, orden y cultura**: estudios para um programa de investigación en conexión con Max Weber. Buenos Aires: Prometeolibros, 2008.

SOUZA, Jessé. **Patologias da modernidade**: um diálogo entre Habermas e Weber. São Paulo: Annablume, 1997.

WEBER, Marianne. **Weber**: uma biografia. Casa Jorge: RJ, 2003.

WEBER, Max. **Ética Econômica das Religiões Mundiais**: Ensaios comparados de sociologia da religião.v.1, Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

Como citar este artigo:

PEDRON, Caio Cesar. A Erótica como Religião Terrena do Amor: um Estudo das Afinidades Eletivas entre Max Weber e Ulrich Beck. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 9, n.2, p. 245-260, jul./dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9220.469>



Data de submissão do artigo: 09/05/2020

Data da decisão editorial: 27/05/2021